

FH recusa ser gerente da crise

CÉSAR FELÍCIO *

Brasília - Carlos Eduardo

BRASÍLIA - O presidente Fernando Henrique Cardoso foi empossado ontem como primeiro chefe de Estado na história do país que cumprirá um segundo mandato consecutivo, alertando que não foi reeleito "para ser o gerente da crise". Em seu discurso após o juramento à Constituição no Congresso, Fernando Henrique reiterou que o combate ao déficit público é a sua prioridade, se disse disposto a continuar dialogando com a oposição e cobrou fidelidade de sua base nas votações no Legislativo.

A cerimônia de posse no segundo mandato não teve a presença de importantes aliados do presidente. Não compareceram os governadores do Ceará, Tasso Jereissati (PSDB), de Santa Catarina, Esperidião Amin (PPB). Também estiveram ausentes os ex-governadores do Rio de Janeiro, Marcello Alencar, e do Rio Grande do Sul, Antônio Britto. Os presidentes nacionais do PMDB, senador Jader Barbalho (PA), do PFL, senador eleito Jorge Bornhausen (SC), e do PPB, ex-governador paulista Paulo Maluf, foram outros que preferiram se ausentar.

Entre os parlamentares, só os deputados do PFL baiano compareceram maciçamente. Do PSDB paulista, berço político de Fernando Henrique, apenas o líder do governo na Câmara, Arnaldo Madeira, compareceu. O ministro da Saúde, José Serra, foi o último a chegar, no momento em que Fernando Henrique se preparava para fazer o juramento.

Oposição - Dos auxiliares do presidente, o mais festejado foi o ministro das Comunicações, Pimenta da Veiga, cumprimentado por deputados e senadores. A oposição boicou a cerimônia. Dos 123 parlamentares, só três assistiram à cerimônia: os deputados José Genoíno Neto (PT-SP) e Haroldo Sabóia (PT-MA) e o senador eleito Saturnino Braga (PSB-RJ). Saíram reclamando. "Faltou emoção no discurso", disse Genoíno.

Ao chegar à Câmara, o presidente disse ao presidente do Congresso, senador Antônio Carlos Magalhães, que assinaria o termo de posse com uma caneta que pertenceu a Getúlio Vargas, cujo legado prometeu transformar quando assumiu a Presidência, em 1994. "É a pacificação", comentou o senador. Fernando Henrique iniciou seu discurso afirmando que o Congresso e a população "credenciaram-se para exigir de mim mais do que a qualquer presidente antes".



Antônio Carlos Magalhães, Fernando Henrique Cardoso, Marco Maciel e o presidente da Câmara, Michel Temer, descem a rampa do Congresso após a cerimônia de posse

Fernando Henrique pregou o diálogo com a oposição, afirmando que não se intitula "senhor de um caminho único" e fez uma cobrança à sua base: "Não tenham dúvidas, senhores. Marcharei com determinação para obter do Congresso o ajuste fiscal e para livrar o Brasil da armadilha dos juros altos."

O presidente disse que não foi reeleito para ser "o gerente da crise". "Fui escolhido pelo povo para superá-la e para cumprir minhas promessas de campanha", disse, reafirmando compromisso de combater o déficit público. "Não hesitarei em fazer o que for preciso pa-

ra pôr fim ao tormento do déficit público. É melhor o remédio amargo que cura a doença do que a febre crônica que debilita as forças e compromete a saúde do organismo."

Duas homenagens marcaram o discurso: ao ministro das Comunicações Sérgio Motta e ao líder do governo na Câmara Luís Eduardo Magalhães, que morreram em abril de 1998 com apenas 48 horas de diferença.

Ao lado do pai do falecido deputado, o senador Antônio Carlos Magalhães, Fernando Henrique chamou Luís Eduardo de "inesquecível amigo". "Ao nos deixar, no ano passado,

nos legou o exemplo de sua competência, visão e amor ao país."

Ao encerrar o discurso, Fernando Henrique relembrou o bilhete escrito por Sérgio Motta dias antes de sua morte, em que o ministro pediu que o presidente não se apequenasse e cumprisse seu destino histórico. "Assim farei", disse o presidente.

A repercussão foi imediata. Inovando o protocolo, Antônio Carlos Magalhães discursou em seguida. "Vossa Excelência acaba de afirmar que não será apenas um gerente da crise, mas que a vencerá. E para vencê-la, te-

nha a certeza de que Vossa Excelência contará com todo o Congresso Nacional."

A fala do presidente do Congresso não foi a única mudança no cerimonial. Houve cuidado para que nem seguranças, auxiliares ou deputados rodeassem o presidente. Sequer a primeira-dama, Ruth Cardoso, e a mulher do vice-presidente Marco Maciel, Anna Maria, puderam sentar-se ao lado dos maridos. Elas entraram no Congresso sem subir a rampa como o presidente e o vice, e assistiram à posse do plenário da Câmara.

* Colaborou Ilmar Franco